

APRESENTADO POR



Ascânio Selene, Nicola Miccione, Marcelo Neri e Rogério Zampronha no segundo painel do Diálogos RJ.

Qualificação é prioridade no presente

Painel ‘Os desafios para a geração de emprego e renda no futuro’ destacou a urgência da formação de mão de obra qualificada para atender às necessidades das empresas

A segunda etapa do Diálogos RJ lançou um olhar sobre as ações a serem promovidas no presente para garantir um futuro de crescimento e oportunidades para todos. Integraram a mesa o secretário de Estado da Casa Civil, Nicola Miccione; o diretor da FGV Social, Marcelo Neri; e o CEO da Prumo, Rogério Zampronha. O painel “Os desafios para a geração de emprego e renda no futuro” destacou a urgência da formação de mão de obra qualificada para acompanhar os avanços tecnológicos das empresas do Estado.

— A pandemia trouxe a dicotomia de que não basta ter postos de trabalho, mas que tipo de trabalho e que tipo de qualificação o trabalhador fluminense, o trabalhador brasileiro, vai estar

apto a exercer. Temos gaps enormes de educação e de qualificação profissional no país, e no Rio de Janeiro não é diferente. Precisamos superar essa dicotomia com urgência, porque, se não, ficamos atrás na geração de empregos qualificados. A gente não pode ter abertura de postos de trabalho e não ter trabalhadores aptos a exercê-los — destacou o secretário.

Para minimizar o problema, Miccione explicou que o Estado tem investido nas diversas unidades da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), de forma que cada unidade ofereça à comunidade cursos de qualificação condizentes com as vocações de cada região. As Faetecs promovem a capacitação focada em profissões demandadas

pelo mercado privado local. Profissionais que necessitam de ensino superior também fazem falta no mercado. O secretário afirmou que atualmente, no Rio de Janeiro, há uma defasagem de 50% de engenheiros, por exemplo.

O CEO da Prumo, holding responsável pelo Porto do Açu, Rogério Zampronha elogiou o esforço do Governo do Estado para estimular a geração de renda e trabalho, mas alerta para a urgência de aumentar a quantidade de profissionais especializados para o acompanhamento de transformações tecnológicas.

— Se este desenvolvimento econômico do Estado pegar carona na transformação do mundo, com a transição energética, daqui a 10 anos, boa parte desta

mão de obra terá que ser de qualificação média ou alta. Vamos precisar de muita gente com nível técnico qualificado — observa o executivo da Prumo.

De acordo com o diretor da FGV Social, Marcelo Neri, o Rio de Janeiro foi o Estado mais afetado pela pandemia em termos de mercado de trabalho. O índice de ocupação caiu 14%, mas a boa notícia é que este índice foi recuperado nos últimos 12 meses. A desigualdade, no entanto, aprofundou-se a ponto do Estado se tornar o mais desigual do país.

— A informalidade do Rio aumentou cinco vezes mais do que no resto do Brasil, é bem descolada do resto do Sudeste. Os números só se comparam aos do Nordeste. O estado foi muito afetado

pela crise, seguida da pandemia — analisou Neri.

Miccione, no entanto, destaca que a concessão da Cedae representou um novo momento para a economia fluminense, gerando, inclusive, novos postos de trabalho.

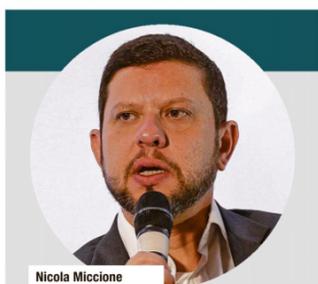
— Em menos de dois anos, essa iniciativa já gerou cerca de 10 mil empregos. E a expectativa é que as novas concessionárias gerem cerca de 25 mil postos de trabalho ao longo de todo o processo. O Rio vem fazendo o seu papel e, no ranking nacional, segue entre os estados que mais geram postos de trabalho formal — revelou o secretário de Estado.

PORTO DO AÇU

Zampronha argumenta que o Porto do Açu apresenta a vantagem competitiva de

oferecer agilidade no abastecimento e desabastecimento de navios, o escoamento interno de mercadorias é difícil, devido à má qualidade das ferrovias e rodovias. O executivo, no entanto, fez questão de ressaltar o esforço do Governo do Estado para resolver o problema de infraestrutura.

— Daqui a dez anos, podemos oferecer 50 mil, 80 mil novos empregos, e uma renda adicional de ICMS de mais de R\$ 1 bilhão por ano. Mas é necessário que os produtos cheguem e saiam, seja por via rodoviária, seja por ferrovia. Preciso ainda de gente boa para trabalhar e da indução dos negócios nascentes até que eles se tornem maduros — explica o CEO da Prumo.



Nicola Miccione
Secretário da Casa Civil

“O Rio acostumou-se a viver de seus recursos ou belezas naturais ímpares, que fizeram com que a gente direcionasse nossos investimentos para dois setores: turismo e indústria — de óleo, gás ou energia. Mas o mundo pede mais da gente. Então, é o momento no qual todos os setores devem agir, não só para ajudar, como também para não atrapalhar mais. Precisamos ser um Estado mais fluido, com melhores parcerias público-privadas, em que cada setor invista conforme sua vocação e focando em infraestrutura, educação, meio ambiente e tecnologia.”



Marcelo Neri
Diretor da FGV Social

“O Marco do Saneamento (concessão da Cedae) foi realizado de uma forma muito moderna e não devemos voltar para trás, incitando licitação e competição por algo tão importante e fundamental ao ser humano. O projeto dá uma visão de futuro ao Rio, já que o Estado estava num ciclo de economia movida a petróleo, que, além de finito, se trata de um produto indesejável. A concessão foi uma locomotiva que deu rumo à economia fluminense e que reduzirá a desigualdade, ofertando trabalho para os jovens e trazendo de volta as pessoas que perderam o emprego.”



Rogério Zampronha
CEO da Prumo

“O Estado é fundamental para prover as condições que criem um ambiente ideal para que a iniciativa privada prospere, promovendo a geração de negócios, riquezas e empregos. São, normalmente, projetos de longo prazo, de difícil mensuração de retorno, em que não há financiamento no mercado de capitais, mas, se não existirem, não há desenvolvimento econômico. Um exemplo disso são as estradas, projetos cujos investimentos dão retorno de longuíssimo prazo. Claro que algumas estradas são privatizadas, mas, mesmo no caso delas, o primeiro investimento foi do Estado.”